

*Nos inícios dos anos cinquenta do século XX, a Igreja no Brasil vivia um dos acontecimentos que marcariam de modo significativo o seu trabalho de evangelização no futuro: o nascimento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – a CNBB. Tratava-se de um ato pioneiro na América Latina. A aspiração por aproximação e diálogo entre os bispos, o testemunho da afetividade colegial e da unidade na missão, a decisão por enfrentar os novos desafios dos novos tempos com novos métodos, mais condizentes e consequentes com a identidade e missão da Igreja, são fatores que estão na origem e no percurso histórico da Conferência.*

*Na raiz deste projeto encontram-se também fatores que configuram a consciência sócio-teológica da Igreja na década de 50-60, no Brasil e no mundo. Destacam-se: a filosofia existencialista e o personalismo (Kierkegaard, revisitado, Mounier, Gabriel Marcel, entre outros), que desenvolvem as teses de uma antropologia pautada nas relações interpessoais e afetivas; os movimentos eclesiais, que surgem no período pós-guerra com o intento de restabelecer o entusiasmo e a espiritualidade dos cristãos; o repensamento do saber teológico, com as intuições de Karl Rahner, Jean Daniélou, Hans Urs von Balthasar, Yves Congar, entre outros, que prepararam o Concílio Vaticano II.*

*No Brasil, essas tendências de nível internacional começam a ganhar terreno com a emergência de fatores que configuram o espaço sócio-ecclesial. No campo político, temos, de um lado, tendências de «renovação social» com os populismos e nacionalismos (Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek) – que, embora falindo na concretização de suas propostas, apresentam teses de aproximação entre o povo e seu governo. De outro lado, estão os que buscam algo além da «renovação» social, aspirando por «transformação» e «libertação», categorias que mais tarde marcarão o pensamento social e ecclesial no país. No campo econômico, a década de 50 parecia indicar um futuro de real prosperidade para a nação, sobretudo com o crescimento da produção agrícola, a industrialização do país e o consequente incremento fantástico das exportações. Esses fatores levaram o país a crer ser a oitava economia mundial, até bem recentemente. No campo cultural, situa-se o cristianismo intelectual de Alceu Amoroso Lima e seus companheiros, de um lado e, de outro lado, movimentos como tropicália, jovem guarda, ... foram símbolos de uma nova situação emergente no comportamento cultural da sociedade brasileira.*



A Igreja não era, evidentemente, indiferente a este momento de efervescência política, econômica e cultural em que vivia o país. E é sobretudo no campo pastoral que as novas idéias encontram base para aterrissar. Fundamental para isso foi o dinamismo da Ação Católica, que articulava grupos de cristãos num projeto comum que cobria praticamente todo o território nacional. Isso exigia da Igreja verdadeira renovação institucional que possibilitasse maior agilidade estrutural na sua articulação pastoral e na sua relação com a sociedade.

O catalizador por excelência dessa aspiração foi Dom Helder Pessoa Câmara. Incansável propulsor do espírito da comunhão e participação na Igreja, o ainda padre Helder possuía intuições que antecipavam, de certo modo, o ensinamento teológico-doutrinal proposto pelo Concílio Vaticano II, dez anos mais tarde, como a eclesiologia da comunhão e a colegialidade episcopal. O padre Helder sentiu, com sensibilidade profética, a importância para o episcopado brasileiro de um organismo que lhe possibilitasse maior conhecimento da missão, num país de proporções continentais, e uma aproximação teológico-pastoral que explicitasse a comunhão e corresponsabilidade entre todos. Os anais da CNBB registram as peregrinações deste «profeta da colegialidade», do Norte ao Sul do Brasil, de Brasil a Roma, como que preparando os bispos do Brasil para a acolhida dos futuros ensinamentos conciliares.

E assim nasce a CNBB, como o órgão articulador das iniciativas de evangelização entre os bispos católicos romanos no Brasil e destes com a Igreja universal. É uma inspiração original, no Brasil, de colegialidade episcopal e comunhão eclesial, que se expressa principalmente em três elementos:

1) na sua **estrutura**: a experiência da comunhão é possibilitada pela própria organização interna da CNBB, com a interação entre as diversas Comissões, os diferentes Organismos, as seis «Linhas pastorais», as Assembléias anuais, etc.

2) em sua **finalidade**: a CNBB, pela sua própria estrutura, tem como finalidade ser geradora de comunhão, o que se dá em dois principais horizontes: no interior do episcopado e deste com a Igreja universal, e no interior do povo de Deus.

3) na sua **natureza dialogal**: este elemento é constitutivo da identidade da CNBB. Ela se configura no e para o diálogo. Tal fato é, concomitantemente, expressão e consequência da sua estrutura organizacional e sua finalidade.



Portanto, na sua estrutura, finalidade e natureza dialogal, a CNBB apresenta-se como um espaço de comunhão e participação, onde ninguém está excluído do diálogo: imersa no meio social, estabelece relações com as instâncias políticas, culturais e econômicas que influenciam na vida do povo de Deus no Brasil; convicta da necessidade da comunhão na Igreja universal, está sempre aberta ao diálogo com outras instâncias eclesiais; ciente da existência do pluralismo religioso e eclesial, busca com ele a aproximação, cooperação e unidade futuras; acreditando no desenvolvimento do ser humano, dialoga com a ciência, a técnica, a arte,.... Tal capacidade de relação, diálogo e parceria deixa transparecer a elasticidade e versatilidade da Conferência. A aproximação, o diálogo e a comunhão possibilitada, contribui significativamente para que o processo evangelizador seja realizado no sentido de possibilitar a experiência da unidade no interior do povo de Deus.

Particularmente relevante para isso é a sensibilidade pastoral da Conferência, expressa sobretudo pelas seis Linhas que estruturam as diretrizes evangelizadoras da Igreja no Brasil. As Linhas captam as vicissitudes do povo de Deus e possibilitam aos bispos responderem a elas de modo consequente em suas dioceses. Aqui, a orientação da ação evangelizadora proposta pela CNBB apresenta três principais aspectos:

1) **criatividade teológica e pastoral**: as motivações, metas e estratégias evangelizadoras das Linhas oferecem princípios teológico-pastorais para que em todas as dioceses os bispos, presbíteros, religiosos/as, leigos/as, agentes pastorais engajados, enfim, sintam-se inseridos num projeto pastoral comum. Isto exige da Conferência uma atitude de permanente renovação e criatividade, para bem orientar os caminhos da Igreja no Brasil.

2) Em consequência disso, torna-se explícito o **dinamismo e vigor da evangelização**. O **dinamismo** manifesta-se, sobretudo, pelo entusiasmo no testemunho da fé cristã, na amplitude da compreensão de evangelização, na contextualização constante da mensagem do Evangelho. Seu **vigor** explicita-se na convicção com que a Igreja assume a sua missão; no posicionamento profético de bispos, padres, religiosos/as e leigos/as diante de situações específicas em que vive o povo brasileiro; na capacidade que a CNBB possui de orientar os passos dos cerca de 140 milhões de cristãos católicos romanos no Brasil.

3) A **contextualidade na orientação da evangelização**: a CNBB é consciente do tempo e do espaço em que se encontra. Propõe uma Igreja de hoje para os fiéis de hoje, como base para caminhar rumo ao amanhã. Tempo e espaço configuram as metas e estratégias da evangelização, e isso é condição



para que a transmissão da mensagem do Evangelho apresente plausibilidades de ser acolhida pelo ouvinte. No tempo do hoje, a Conferência fala para o homem e a mulher de hoje. No espaço sócio-ecclesial concreto, ela compreende qual é o seu lugar e a partir dele como atingir a sociedade e a Igreja como um todo. Isto possibilita o caráter realista na pregação do Evangelho, a atualidade da mensagem e das estratégias da sua transmissão, e a pertinência das suas propostas, inclusive para a Igreja em outras latitudes.

Mas a aspiração por comunhão no interior do episcopado brasileiro, contudo, nem sempre é explicitada pelo consenso em suas mediações. Muitas são as tendências na teologia, na pastoral e na espiritualidade que orientam os mais de 350 bispos existentes no Brasil. E essa realidade conduz o episcopado a diferentes concepções da Igreja, do ser humano, da sociedade. Não obstante a positividade deste fato, faz com que, por vezes, a imagem da comunhão ecclesial e colegialidade episcopal, que a CNBB deveria sinalizar, apresente sombras e descoloração. Além disso, a sua relação com a sociedade não lhe permite abster-se de dizer a sua palavra sobre a realidade humana e social em que vive o povo de Deus. E a criticidade dessa palavra, por ser evangélica, também provoca tensões, inclusive com instâncias da própria Igreja. Ora, essa realidade, acreditamos, é comprovação do constante dinamismo e vigor que caracterizam a existência e a ação da CNBB.

Diante das situações de tensão, torna-se ainda mais explícita a maturidade e o potencial desse organismo ecclesial, capaz de aproximar tendências que não raro se apresentam num verdadeiro descompasso. Não se busca a homogeneidade de posições. Busca-se coerência e autenticidade. E isso implica em atitudes democráticas para falar e ouvir – não todas as vezes que se quiser, mas sempre que o Evangelho o exigir. A CNBB é, por sua própria natureza, o espaço desse diálogo para o episcopado brasileiro. Por essa razão, não obstante as dificuldades geradas pelos motivos de tensão no seu interior, a Conferência, pela sua estrutura, finalidade e natureza dialogal que a caracterizam, permanece como o horizonte maior da colegialidade episcopal. Assim, ela apresenta-se legitimamente como um organismo catalizador das aspirações e dos desafios que interpelam o ministério episcopal no Brasil e representa, de modo peculiar, o ideal de Igreja como comunhão e participação.

Assim sendo, há que se reconhecer que existem sim, no interior da CNBB, diferentes graus de comunhão que expressam a colegialidade, mas o seu conteúdo essencial é claro, consciente, único: amor à Igreja; fidelidade radical ao Deus do povo empobrecido, marginalizado e excluído; profecia nos métodos do anúncio do Evangelho; compromisso incondicional para com a vida humana. Compreendemos isso quando reconhecemos o significado sem par dos muitos testemunhos de membros do episcopado brasileiro que fizeram



da CNBB, certamente, a entidade mais reconhecida no Brasil, por sua coerência no agir, sua idoneidade moral, sua mística profética. Esses testemunhos fizeram e fazem da Conferência um fato ecclesial e social simultaneamente. São personalidades inconfundíveis, com uma mente aberta e aguçada, uma prática pastoral consequente, uma palavra coerente. São personalidades que expressam a peculiaridade da identidade e finalidade da CNBB e autenticam a sua existência. Eles nos ensinaram e nos ensinam que a CNBB precisa olhar para trás para compreender a história, e para frente para continuar a construí-la.

«Encontros Teológicos» quer, no presente número, parabenizar a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil pelos seus 50 anos de serviços prestados à Igreja e ao Evangelho. Com alegria jubilar, trazemos aqui o testemunho de bispos que acompanham os seus passos, não como espectadores mas na qualidade de protagonistas da caminhada (painel de depoimento de alguns bispos). Esses testemunhos são enriquecidos por leituras de alguns elementos da Conferência, como: a sua ecclesiologia e sua perspectiva pastoral (A. Antoniazzi), a sua relação com a sociedade brasileira (Dom D. Valentini), o testemunho de padres conciliares da CNBB (A. Brighenti), os elementos históricos que influenciaram na sua formação (R. Caramuru), a preocupação da CNBB com a formação dos presbíteros no Brasil (Lisboa). Este número da Encontros Teológicos é enriquecido também com uma compreensão da relação entre a Igreja no Brasil e a Juventude, sobretudo no Regional Sul IV. Acreditamos que esses trabalhos serão de grande valia para que nossos leitores se situem na amplitude do universo da Igreja no Brasil, melhor compreendendo e inserindo-se no projeto da Igreja-comunhão, proposto pela CNBB. Finalmente, apresentamos, ainda, um significativo trabalho do Prof. J. Queiroz sobre a poética medieval alemã.

**A Direção**